

APRESENTAÇÃO

A sua revista eletrônica Falas Breves surge com a intenção de se tornar um espaço aberto para múltiplas e variadas falas. Quer agregar vozes voltadas tanto para estudos de cunho científico quanto para os literários e outros gêneros. Ou seja, é um espaço, ainda que pequeno, para você se manifestar, tornar público seus saberes científicos, poéticos... E, nesta sua primeira edição, para fazer jus a sua proposta, traz como tema “Múltiplos Olhares” e teve a felicidade de contar com olhares do norte e do sul do Brasil.

Do norte, Antônia Fernanda Nogueira e Noely Fernanda Costa trazem um estudo comparativo entre a língua portuguesa e a wayoro, analisando qual a função da repetição nessas duas línguas. Já o professor Celso Francês Júnior busca entender, a partir das suas pesquisas de campo, qual a língua que uma comunidade indígena do Amazonas usa e como ela é usada. Relevante nesta pesquisa é o alerta que o autor faz sobre a necessidade de se manter viva a língua mundurukú que já está sendo pouco falada entre os membros dessa comunidade. Também temos a voz de Paula Fernanda Souza e Antônia Fernanda Nogueira, discorrendo sobre o uso da intertextualidade nos textos de alunos do 6º ano e mostrando o quando o discurso desses alunos estão povoados, ainda que inconscientemente, das histórias que já lhes foram narradas anteriormente.

No plano literário, o norte trouxe múltiplos olhares. Um deles é o do poeta João Marcelino Pantoja em cujo texto “Falida infância” faz uma leve e sutil denúncia à dura realidade de muitas crianças que não vivem a infância, de fato, pois têm que trabalhar para contribuir com o sustento da família.

Dan Moraes traz o enlouquecimento de um eu-poético cujo coração está seco. É um texto cuja beleza está na simplicidade do vocabulário e, ao mesmo tempo, no sofrido e conturbado momento da constatação de estar só, abandonado por Pepita e perdido dentro de si mesmo.

Loureiro em “Velhice” lança uma crítica a uma juventude “transviada”, utópica, apática. E em “Despedida” dá vida a um eu-poético resignado, preparado para a hora final. Seu tom realista e resignado parece esconder um eu-poético que pede de forma silenciosa e indiferente por algo, ou, talvez por nada, tão tranquilo está diante do inevitável ao qual abraça como quem abraça/enlaça um ente tão querido.

Já Elielson Bispo parece ser o mais sentimental deles. Traz uma poesia leve, de um doce lirismo, na qual canta os dissabores de um eu-poético que, em um momento, recusa os caminhos que se apresentam a ele e, num outro, declara-se para uma musa distante/imaginada.

E para fechar os olhares que vêm do norte, Érica Rodrigues abre os seus para cantar, de forma meiga, sua terra natal que é assim “ feliz por natureza”.

Do sul, Davi Silva Gonçalves traz um olhar sobre a crítica que a literatura pode fazer a certos preceitos religiosos. Para isso, utiliza-se de nada mais nada menos que a literatura de Blake e Saramago para exemplificar os questionamentos que a literatura pode fazer em relação à dicotomia céu/inferno. E Juliana Trevisol chega para falar de e sobre a prática docente em língua inglesa.

Na literatura, o representante é o poeta Francisco Xavier. Profundo, complexo, de “Meditação” – em que o eu-poético olha para dentro de si e aproveita o momento para fazer uma viagem introspectiva – o autor passa pela intertextualidade, faz um bonito diálogo com Renato Russo e culmina na janela, extravasando uma singela saudade, pois fica “pensando nela”

Relevantes participações, sem dúvidas, contudo, para torná-las públicas foi de suma importância, vital, na verdade, o empenho, o engajamento do Conselho Editorial sem o qual esta revista não viria à lume hoje. Meus sinceros agradecimentos.

Cabe agora, leitor, o seu olhar. Que ele se volte sempre e sempre para esta revista. E que ela lhe seja útil e, ao mesmo tempo, prazerosa, pois foi criada por todos nós para você, pensando em você!

Breves, 20 de fevereiro de 2014.

Sandra Maria Job